

---

# Reflexões sobre a prática escolar para alunos hiperativos

Gisele Maria de Souza <sup>1</sup>

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Sheilla Alessandra Brasileiro de Menezes<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma breve reflexão acerca das possibilidades de inclusão escolar da criança com hiperatividade. É um tema que, atualmente, vem sendo discutido nos diversos espaços escolares e em outras convivências sociais. Porém, o que este artigo procura enfatizar, além da problemática que envolve o TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, é o processo de ensino-aprendizagem, que pode se adequar a esse aluno em sala de aula, a depender da postura do professor. As dificuldades que passam os grupos de convivência com o aluno hiperativo não se comparam com os sofrimentos vivenciados por ele, por saber que é diferente e, conseqüentemente, muitas vezes rejeitado pelo grupo. Propõe ainda uma discussão entre autores que buscam superar as diferenças e impossibilidades provenientes de um déficit cognitivo mental e/ou emocional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Déficit de Atenção com Hiperatividade. Processo de ensino-aprendizagem.

## 1 - INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é caracterizado por uma variedade de problemas relacionados à falta de atenção, hiperatividade e impulsividade. Crianças que sofrem deste transtorno possuem grandes dificuldades em sua vida escolar bem como em casa e na vida social. Esses problemas interferem na habilidade da pessoa em manter a atenção, especialmente nas tarefas repetitivas, e controlar adequadamente suas emoções e impulsos.

O presente artigo propõe-se desenvolver uma reflexão sobre as novas tendências da educação em relação aos problemas decorrentes das dificuldades de adaptação do aluno com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Identifica,

ainda, os principais aspectos dos distúrbios causados pela hiperatividade e como é possível propiciar a aprendizagem significativa através do interesse do aluno.

Há uma diversidade de práticas educativas que se realiza na escola. Dentre elas, destacam-se, para fins de auxílio ao aluno com déficit de atenção, a reestruturação da sala de aula e a participação do educador como um agente que entenda as diferenças, as especificidades dos alunos, que desenvolva seus potenciais adormecidos e extraia do educando experiências prévias, auxiliando-o na identificação de problemas, nas reflexões sobre o problema do déficit e na busca por respostas.

As questões que implicam a aprendizagem e a criança com TDAH não estão relacionadas ao fato de que ela não seja capaz de aprender, mas no fato de se sair bem na escola devido ao impacto que os sintomas da

---

1 Aluna do Curso de Pedagogia da PUC Minas.

2 Mestre em Educação. Professora da PUC Minas.

hiperatividade têm sobre seu bom desempenho em sala de aula.

Os fatores que se destacam são: maior probabilidade de repetência, evasão escolar, baixo rendimento acadêmico, dificuldades emocionais e de relacionamento social. E o mais agravante é que isso ocorre em duas áreas mais importantes para um bom desenvolvimento do aluno: na escola e no relacionamento com os colegas. Por isso se evidencia como um fracasso escolar.

Considerando a dificuldade de educadores em lidar com crianças hiperativas em suas práticas na escola, o déficit na aprendizagem e o desempenho acadêmico do aluno com TDAH pode comprometer, não somente o aspecto social, mas as ações pedagógicas desse professor.

Ao tomar esse enfoque, a pesquisa buscou respostas sobre como vencer os desafios do processo de ensino e aprendizagem para um aluno com déficit de atenção. É bem provável que o aluno com TDAH seja criativo, inteligente, multitalentoso e deseje muito ser bem sucedido na escola. Porém, habituado ao fracasso escolar e a ser mal compreendido pelos outros, pode se sentir desencorajado para a aprendizagem.

Com compreensão e aceitação da diversidade, é possível trabalhar de forma a buscar o desenvolvimento que promova o potencial da criança com TDAH para o sucesso escolar e social, estendendo a ela as várias facetas do desenvolvimento de uma nova proposta pedagógica em que o aluno possa participar de um ambiente compartilhado com uma equipe pedagógica e um professor que o entendam e apliquem com sucesso e dinamismo suas aulas.

## 2 - A HIPERATIVIDADE NA SALA DE AULA

O aluno com hiperatividade até pode saber o que deve ser feito, mas não consegue fazer aquilo que sabe em consequência da incapacidade de realmente poder parar e pensar antes de agir, prejudicando, assim, o ambiente e não executando a tarefa que lhe é proposta. O fracasso escolar repercute nas várias “alterações que se evidenciam na escola como: atrapalhar a dinâmica em sala de aula, tumultuar a classe com brincadeiras inoportunas, não conseguir trabalhar em grupo e nem atingir os objetivos propostos pela turma”.

(TOPCZEWSKI, 1999).

Diante desta realidade, muitos médicos, biólogos e pesquisadores acreditam que não conseguem bons resultados com esse aluno em sala de aula, se não houver administração de drogas psicoativas, que ativam as funções neurais e equilibram a ação da criança hiperativa, trazendo mais tranquilidade no convívio social e nas tarefas a serem executadas.

Segundo Sam (2002), há depoimentos de crianças, em concordância com os pais, que são favoráveis à administração dos remédios porque dizem que com eles se tornam outras pessoas, mas o perigo está exatamente na “falsa felicidade” que depende do remédio para que a criança se sinta inserida no meio em que vive. Essa felicidade está ligada à condição de que as crianças hiperativas, ao exibirem um comportamento mais ponderado, não são mais discriminadas ou rejeitadas pelo grupo e até passam a ser elogiadas pelos adultos.

A proposta da pesquisa foi exatamente trabalhar na perspectiva psicopedagógica que defende a ação da afetividade na relação inicial entre quem ensina e quem aprende como um fator fundamental para despertar no aluno com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade um interesse em buscar mudanças comportamentais. A chave do sucesso para trabalhar com alunos diferentes é buscar desenvolver as qualidades adormecidas que eles necessitam para serem produtivos e terem uma vida mais saudável. O professor que faz a leitura de seu aluno se empenha em dar o melhor de si, para o auxílio e rompimento de barreiras na aprendizagem desse aluno.

Para subsidiar a pesquisa de campo, foi realizada a observação participante e a própria sala de aula se transformou em um campo de pesquisa. O estudo baseou-se na concepção teórica de Vygotsky em que são considerados aspectos da relação subjetividade/objetividade, o papel do pesquisador como construtor do conhecimento, a concepção de produção de conhecimento, aprendizagem/internalização e a relação educador-educando.

Esse embasamento teórico forneceu subsídios tanto para a reflexão sobre o ato de observar alunos na sua prática escolar, como para o momento da coleta de dados através de entrevistas direcionadas a professores e alunos.

Alguns autores trouxeram reflexões sobre a necessidade e uma nova postura pedagógica. Hernandez (1998) afirma que um projeto de trabalho parte de um tema a partir do qual se inicia um processo de pesquisa. Ambos, professor e alunos, buscam e selecionam fontes de informações estabelecendo critérios de ordenação e de interpretação das fontes, gerando relações com outros problemas, recapitulando e avaliando o que aprenderam.

O que predomina é a atitude de cooperação, e o professor é também um aprendiz. Projeto é uma forma de aprendizagem na qual se considera que todos os alunos podem aprender se encontrarem o lugar para isso. Nos projetos, “potencializam-se os caminhos alternativos, os processos de aprendizagem individual, porque deles aprende o grupo.” (HERNADEZ, 1998).

### 3 - OS SABERES E AS PRÁTICAS ESCOLARES QUE PODEM AUXILIAR O ALUNO COM TDAH

Abrindo novos espaços para a reflexão sobre importantes problemas no contexto educacional, Carraher e Schliemann (1989), em seus experimentos e discussões, ao dissertarem suas observações e o comportamento do aluno em como enfrentar a matemática administrada na sala de aula e o comportamento desse mesmo aluno na matemática em sua vivência, fazem uma dicotomia do conhecimento formal e o conhecimento construído pela experiência do indivíduo e sua atividade com o meio em que vive.

Intensificando este pensar da matemática, Kamii (1995) trabalha uma nova reflexão sobre os experimentos de Jean Piaget e a epistemologia genética. O seu olhar está sempre focado no aluno e na forma como este aprende. Ela enfatiza a necessidade de o professor entender a construção mental do aluno sobre a idéia de número e quantidades.

Para Kamii (1995), a importância do jogo é de grande expressão, pois trabalha o caráter de ficção e auxilia a criança a comunicar e expressar os aspectos mais íntimos de sua personalidade e sua tentativa de interagir com o mundo adulto, o que facilita o papel do professor mediador na aprendizagem dessa criança. Pelo jogo, a criança explora os objetos que a cercam, melhora sua agilidade física, experimenta seus sentidos e desenvolve seus pensamentos, desenvolve também o comportamento em grupo e aprende a conhecer a si

própria, o mundo que a rodeia e aos demais.

Acompanhando a mesma lógica do auxílio do jogo na aprendizagem, Vygotsky (1987) afirma que, na brincadeira, a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinqueado, é como se ela se projetasse na realidade. Em sua visão, a brincadeira cria uma zona de desenvolvimento proximal, favorecendo e permitindo que as ações da criança ultrapassem o desenvolvimento real já alcançado, permitindo-lhe novas possibilidades de ação sobre o mundo.

Trazendo as discussões para o campo da leitura e escrita, diversos autores apontam caminhos que facilitam o educador com seus alunos em sala de aula. Solé (1980) expõe suas reflexões relevando o desafio da leitura para o educador diante das dificuldades enfrentadas pelo aluno. Aborda as funções da leitura na educação e a realização de novas aprendizagens, bem como as relações entre a leitura, a aprendizagem e a compreensão.

Um dos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola”. (SOLÉ, 1998, p. 43).

Ao considerar o uso social da leitura e escrita, Soares (2000) aborda o mesmo tema que Carraher e Schliemann (1989) no âmbito da matemática. É necessário que o educador esteja atento para a construção do conhecimento da criança diante do que ela já experimenta em seu dia a dia. A criança a todo instante está conectada com diversas leituras em *outdoor*, encartes de supermercados, propagandas, revistas, jornais, internet. O que ela precisa é experimentar essa vivência em sala de aula, com o professor aproveitando o saber e o conhecimento prévio que essa criança, a todo instante, vivencia em casa, trazendo para esta prática as discussões, a vivência de jogos, os murais, as histórias contadas por elas, para assim trabalhar a alfabetização em situações de letramento.

Alicia Fernandez (2001) afirma que “aprender é quase tão lindo quanto brincar”. Entre o educador e o educando, deve-se ter algo essencial, o prazer em aprender. O educador entrega algo, mas é preciso que o

educando tenha como desejo criar algo novo a partir do que aprendeu.

Sua ênfase está focalizada no ato de aprender como algo que tem que ser prazeroso, sendo assim gera-se autonomia. “O principal do processo de aprender é conectar-se com o prazer de ser autor, com a experiência, a vivência de satisfação do prazer de encontrar-se autor-nomo”. (FERNANDEZ, 2001).

Dissertando sobre uma docência decente, de qualidade, que não se separa da afetividade que o professor tem por seus alunos, Freire (1997) aborda discussões englobando desde recomendações sobre a tomada de consciência de que os alunos têm uma cultura e uma curiosidade, que precedem a imposição da escola, até a discussão sobre a mudança de “curiosidade ingênua” para “curiosidade epistemológica” que não diferem em sua essência, mas em sua complexidade, pois enquanto aquela se baseia apenas na experiência cotidiana, esta é dotada de rigor metódico, do criticismo.

O autor deixa claro sobre o quanto as atitudes que o professor toma dentro de sala e fora dela influenciam o que ele passa para seus alunos. Para Freire (1997) é significativo ter uma visão da realidade da comunidade em que está inserido o aluno, para assim elaborar propostas de intervenção que visem transformação social.

O que predomina na observação sobre os discursos dos diversos autores é a ênfase no processo de aprendizagem, na curiosidade, no prazer em aprender através de jogos e brincadeiras, que poderá levar o professor a buscar em seu aluno com TDAH potenciais ainda não despertados e facilitar tanto o aprendizado desse aluno, quanto sua interação social.

#### 4 - IDENTIFICANDO ALGUMAS DIFICULDADES DO ALUNO HIPERATIVO

Sternberg (2000) defende, em seus estudos, que a atenção difere do ato consciente em alguns pontos. A diferença entre atenção e consciência é que a atenção abrange toda a informação que uma pessoa está manipulando (sentidos, memória etc.), e a consciência é apenas a variação mais restrita da informação que ela está consciente de manipular. Muitos processos cognitivos também podem ser diferenciados em termos de exigirem ou não controle consciente.

Pesquisadores e profissionais afirmam no site destinado à hiperatividade que o TDAH interfere na habilidade da pessoa de manter a atenção, especialmente em tarefas repetitivas, de controlar adequadamente as emoções e o nível de atividade, de enfrentar as consequências e controlar os impulsos. É um distúrbio biopsicossocial, isto é, parece haver fortes fatores genéticos, biológicos, sociais e vivenciais que contribuem para a intensidade dos problemas experimentados.

Topczewski (1999) também defende a idéia de que a hiperatividade é uma disfunção orgânica, porque envolve diversas áreas do cérebro na determinação do quadro hiperativo.

Embora haja várias interpretações, todos concordam que a hiperatividade compromete de modo marcante o comportamento do indivíduo e que é um desvio comportamental caracterizado pela excessiva mudança de atitudes, acarretando pouca consistência em cada tarefa a ser realizada (TOPCZENWSKI, 1999, p. 31).

Ao dissertar sobre a criança hiperativa na escola, Topczewski (1999) diz que o aluno apresenta várias alterações que se evidenciam na sala de aula, como:

- a) Dificuldade para concentrar e manter a atenção, o que vai concorrer para as dificuldades na aprendizagem;
- b) Facilidade em atrapalhar a dinâmica da aula, por conta do comportamento inquieto;
- c) Propensão a tumultuar a classe com brincadeiras inoportunas;
- d) Dificuldade para trabalho em equipe além de prejudicar o rendimento dos outros alunos. Pode reagir agressivamente quando o professor intervém chamando-lhe atenção com o objetivo de manter a classe organizada;
- e) O cognitivo e a aquisição do conhecimento podem apresentar-se alterados.

Em algumas sugestões de intervenções específicas para o professor, Goldstein (2007) afirma que estas podem ajudar a criança com TDAH a se ajustar melhor na sala de aula. Entre elas, algumas são relevantes para que o educador se posicione a favor da

aprendizagem desse aluno como:

- a) Proporcionar estrutura, organização e constância (exemplo: sempre a mesma arrumação das cadeiras ou carteiras, programas diários, regras claramente definidas).
- b) Encorajar frequentemente, elogiar e ser afetuoso, porque as crianças desanimam facilmente.
- c) Proporcionar um ambiente acolhedor, demonstrando calor e contato físico de maneira equilibrada e, se possível, fazer os colegas terem a mesma atitude.
- d) Nunca provocar constrangimento ou menosprezar o aluno.
- e) Proporcionar trabalho de aprendizagem em grupos pequenos e favorecer oportunidades sociais.
- f) Comunicar-se constantemente com os pais pedindo ajuda.
- g) Ir devagar com o trabalho. Doze tarefas de 5 minutos cada uma trazem melhores resultados do que duas tarefas de meia hora.
- h) Proporcionar exercícios de consciência e dos hábitos sociais da comunidade. Avaliação frequente sobre o impacto do comportamento da criança sobre ela mesma e sobre os outros ajuda bastante.
- i) Colocar limites claros e objetivos; ter uma atitude disciplinar equilibrada e proporcionar avaliação frequente, com sugestões concretas que ajudem a desenvolver um comportamento adequado.

Para o professor de aluno com hiperatividade é importante entender as diferenças entre incompetência e desobediência. Não deve ter como primeira opção o reforço negativo, ao contrário, é preciso ter conhecimento da hiperatividade, interesse no processo do tratamento do seu aluno e, principalmente, ter interesse em verificar se a criança aprende. Verificar ainda por quais meios ela associa melhor a aprendizagem.

Segundo os estudos de Goldstein (2007), o professor deve estar sempre em comunicação com os pais da criança, a fim de interagir as tarefas do processo de ensino e aprendizagem com os familiares; deve ser aberto a mudar e/ou variar métodos para ensinar o seu aluno com hiperatividade, além de ser pesquisador e investigativo.

A análise bibliográfica aponta alguns caminhos que podem ser tomados pelo educador ao deparar com

o problema do déficit de atenção em sala de aula. Para Hernandez (1998), a mudança começa no educador ao interpretar o seu aprendiz. Ele afirma que todos podem aprender se encontrarem lugar para isso. Outros autores compartilham do mesmo pensamento, quando citam buscar antes o conhecimento prévio de seu aluno e dedicar-se a ensinar a partir do interesse da criança e de suas experiências cotidianas. Como Sternberg (2000), que encontrou em sua pesquisa a diferença entre os processos automáticos e os processos controlados. Se for analisado de acordo com as colocações de Topczewsk (1999), observadas em seu consultório, é possível perceber que o hiperativo sofre constantemente por não dar-se conta de fazer uso adequado desses estágios de consciência e atenção, pois são os processos automáticos. O psicólogo Goldstein (2004) aponta soluções para dentro da sala de aula, a fim de facilitar a ação do professor, que dá sustento para os discursos de Hernandez (1998), Kamii (1995), Soares (2001), Solé (1998), Freire (1997) e Vygotsky (1987). Já Topczewski (1999), por acreditar que a tendência da hiperatividade é ser um fator biológico, faz opção do recurso de medicamentos para auxiliar a criança hiperativa em casa e na escola, não desconsiderando passos que o professor deve tomar em sala de aula para facilitar sua interação com o grupo. Ainda para esse autor, o melhor suporte para o professor é o acompanhamento com neurologista e a administração de medicamentos, o que tornará esse aluno mais tranquilo para o seu processo no aprendizado.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificou-se através desta pesquisa que o acúmulo de novas experiências, conhecimentos e práticas pedagógicas pode influenciar diretamente o professor interessado não somente em sua prática docente, mas no processo de aprendizagem do seu aluno com hiperatividade. As crianças e adolescentes com TDAH podem estar sujeitas ao fracasso escolar e a um desempenho negativo na vida profissional quando adultos, se, ao depender das intervenções do professor, este venha a tratá-lo como alguém realmente fadado ao fracasso e não como a um potencial a ser descoberto, pois esse aluno passa boa parte do tempo no ambiente escolar.

Até se chegar ao diagnóstico ou ainda que se

inicie o tratamento, essas crianças com hiperatividade são rotuladas de “pestinhas” e excluídas de algumas atividades escolares, pois são causadoras de stress e fadiga nos adultos que participam da sua educação.

No entanto, com a crescente conscientização, os estudos e as pesquisas em relação ao impacto significativo que os sintomas do TDAH têm sobre as pessoas e, de forma específica, sobre as crianças, a proposta de melhorar o ensino para essa criança tem crescido significativamente, uma vez que temos à mão vários autores e trabalhos científicos. Em síntese, a evidência da análise bibliográfica é que o professor deve buscar no aluno a necessidade de completar o que já vem adquirindo em suas experiências cotidianas, pois o aprender pode se tornar um constante jogo prazeroso. O “melhor” professor seria aquele que, “não detendo o poder nem o saber, estaria disposto a perder o poder para fazer emergir o saber múltiplo”. (FREIRE, 1997). Nesse caso, perder é uma forma de ganhar e o saber é um recomeçar.

É importante se pensar em processos que irão facilitar a prática pedagógica do professor e propiciar a aprendizagem desse aluno em sala de aula como:

- a) O aluno deve sentar-se preferencialmente na primeira fila, o mais próximo possível do professor e longe da janela.
- b) Ele tem que manter uma rotina constante e previsível: uma criança com déficit de atenção requer um meio estruturado que tenha regras claramente estabelecidas e que se estabeleçam limites ao seu comportamento.
- c) O professor deve se expressar claramente, de modo conciso e, de preferência, apresentar aquilo que está sendo dito também sobe forma visual (slides, quadro, pôsteres), em função das dificuldades de manutenção da atenção.
- d) O aluno pode ter uma função oficial na sala de aula, ser o “ajudante”. Isto, além de melhorar a qualidade do relacionamento dentro da sala de aula, permite que ele se movimente um pouco mais com uma ação funcional.

Os desafios para a aprendizagem do aluno hiperativo são grandes, mas foi possível confirmar a hipótese norteadora deste trabalho, ou seja, é possível

a aprendizagem do aluno hiperativo; principalmente quando o professor está aberto à mudança de postura e ao respeito à diversidade.

## ABSTRACT

This article presents a brief reflection on the possibilities of educational inclusion of children with hyperactivity. It is a theme that is now being discussed in various places in schools and other social cohabitation. But what this article seeks to emphasize in addition to issues involving TDAH, is the process of teaching and learning, which may be suitable for this student in the classroom, depending on the attitude of the teacher. The difficulties are the social groups, with the hyperactive student, do not compare to the suffering experienced by him, knowing that is different and, therefore, often rejected by the group. It also proposes a discussion between authors seeking to overcome differences and impossibilities from a cognitive mental and / or emotional.

Keywords: Attention deficit disorder. Teaching-learning.

## REFERÊNCIAS

CARRAHER, Terezinha Nunes; DAVID, Willian; SCHLIEMANN, Ana Lúcia. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: Papyrus, 1989.162p.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 179p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.165 p.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998. 150p.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização de currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998. 150 p.

KAMII, Constance. **A criança e o número: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos**. 19. ed., Campinas: Papyrus,

1995. 124p.

SAM, Goldstein, **Hiperatividade**: como desenvolver a capacidade de atenção da criança, 8. ed. Campinas: Papyrus, 2002. 245p.

SAM, Goldstein. **Compreensão, avaliação e atuação**: uma visão geral sobre o TDAH: Disponível em: <<http://www.hiperatividade.com.br>>. Acessado em: 22 abr. 2007.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 128p.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 194p.

STERNBERG, Robert J. Atenção e consciência In: STERNBERG, Robert J. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000. Cap. 3, p. 89-107.

TOPCZEWSKI, Abram. **Hiperatividade**: como lidar? São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. 95p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L.S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.